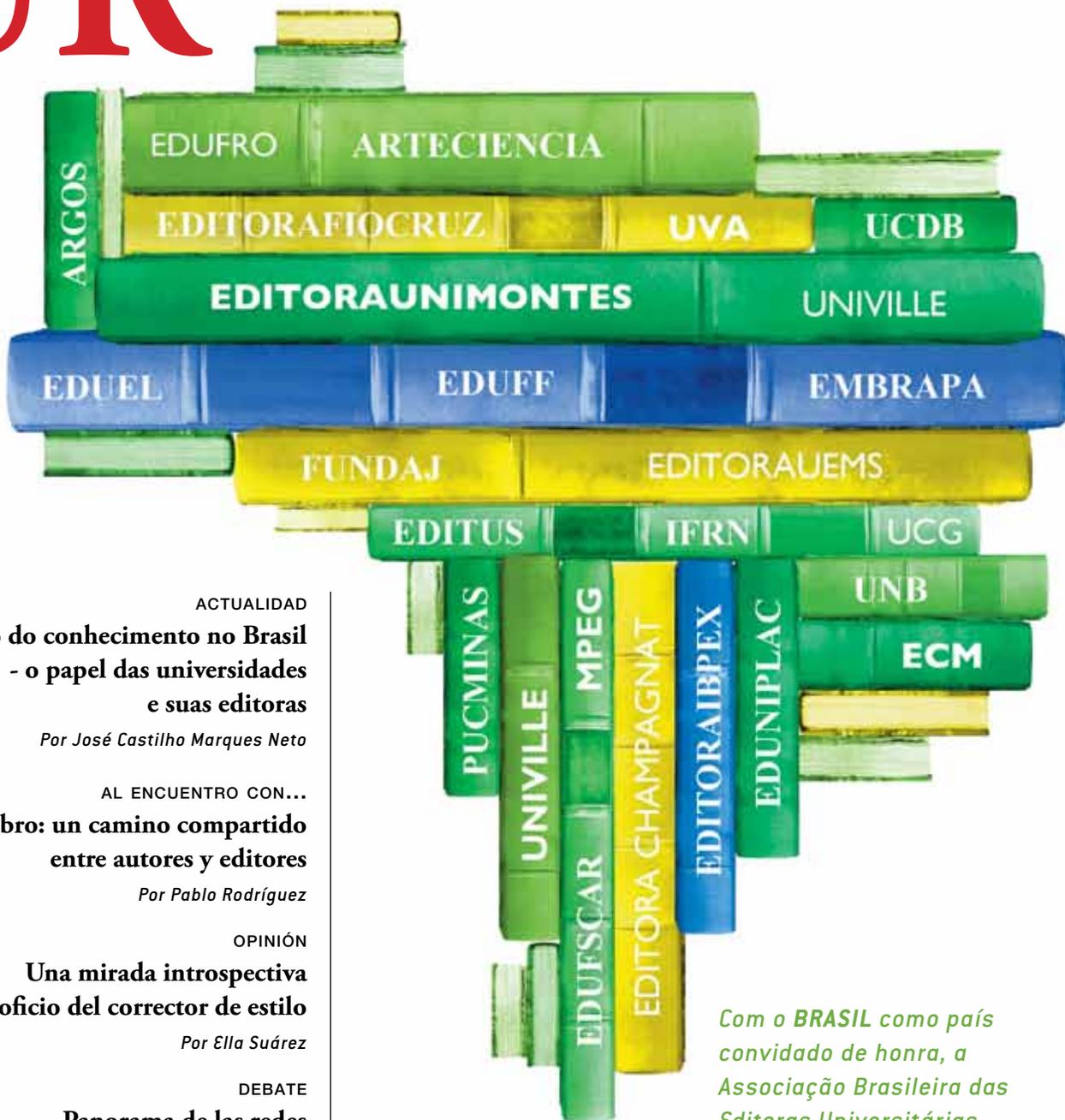


tendencia editorial

UR

Editorial Universidad del Rosario
Bogotá, Colombia • 2012
Nº 3



ACTUALIDAD
**Circulação do conhecimento no Brasil
- o papel das universidades
e suas editoras**

Por José Castilho Marques Neto

AL ENCUENTRO CON...
**El libro: un camino compartido
entre autores y editores**

Por Pablo Rodríguez

OPINIÓN
**Una mirada introspectiva
al oficio del corrector de estilo**

Por Ella Suárez

DEBATE
**Panorama de las redes
de información académica,
una entrevista con Félix de Moya**

*Com o BRASIL como país
convidado de honra, a
Associação Brasileira das
Editoras Universitárias
- ABEU, faz presença em
Bogotá.*



Pabellón 3 • Piso 2 • Stand 302

editorial afiliada a:



UNIVERSIDAD DEL ROSARIO
ABRIL DE 2012

RECTOR

Hans Peter Knudsen Quevedo

VICERRECTOR

Alejandro Venegas Franco

SÍNDICO

Carlos Alberto Dossman Morales

SECRETARIA GENERAL

Catalina Lleras Figueroa

CONSILIARIOS

Andrés Pastrana Arango

Alberto Fergusson Bermúdez

Alejandro Figueroa Jaramillo

María Luisa Mesa Zuleta

Jorge Restrepo Palacios

EDITORIAL UNIVERSIDAD DEL ROSARIO

Dirección: Cra.7 No. 12 B-41, oficina 501

Teléfono: 2970200, ext. 7724

editorial@urosario.edu.co

<http://editorial.urosario.edu.co>

COMITÉ EDITORIAL DEL BOLETÍN

Juan Felipe Córdoba Restrepo

Ingrith Torres Torres

Claudia Luque Molano

María José Molano Valencia

EQUIPO EDITORIAL

DIRECTOR DE PUBLICACIONES

Juan Felipe Córdoba Restrepo

COORDINADORA EDITORIAL

Ingrith Torres Torres

COORDINADORA PUBLICACIONES PERIÓDICAS

María José Molano Valencia

COORDINADOR ADMINISTRATIVO Y COMERCIAL

Juan Carlos Ruiz Hurtado

ASISTENTE EDITORIAL

Claudia Luque Molano

PRACTICANTE EDITORIAL

Alejandra Torrijos Martín

ASISTENTE ADMINISTRATIVA

Isabel Cristina Puentes Mazutier

ASESORES COMERCIALES

María Stella Madariaga Pineda

Luis Enrique Izquierdo Reyes

AUXILIAR DE BODEGA

Libardo Bernal Castillo

SECRETARIA

Gloria Gómez Ortiz

DISEÑO Y FOTOGRAFÍA

Miguel Gerardo Ramírez Leal

Kilka Diseño Gráfico

EDITORIAL

Opera Prima,

una colección
para los estudiantes

Es importante tender un puente para la vinculación e inclusión del estudiante en el ejercicio de la investigación y la escritura. Es normal que los trabajos de clase, las monografías, tesinas y trabajos de grado que son destacados, por su desarrollo, por las conclusiones a las que llegan o por el tratamiento de temas relevantes para la sociedad, se queden en el reducido espacio del aula de clase y, en el caso de las monografías y tesis de grado, reposen en los anaqueles de las bibliotecas institucionales, quedando truncado y sin mayor reconocimiento el esfuerzo del estudiante.



En este sentido las editoriales universitarias se han cuestionado acerca de la cabida que pueden llegar a tener aquellos trabajos de grado meritorios dentro de su fondo editorial. Y es que, sin duda, la editorial académica –cuya misión es garantizar la circulación y calidad del conocimiento e investigación que se genera al interior de la misma institución– debe ser un punto de partida (un medio) para incentivar a los estudiantes y a las nuevas generaciones para que asuman el camino de la investigación.

Por ello, la Editorial de la Universidad del Rosario, en acuerdo con las distintas unidades académicas, desarrolló la colección *Opera Prima*, en la que se presentan las monografías de estudiantes de pregrado cuya calificación ha sido meritoria. Así, el principal objetivo de esta Colección es presentar los trabajos con los cuales los autores obtuvieron sus títulos profesionales y que los hicieron acreedores del calificativo de meritorio. Con esto la Editorial apunta a que tengan visibilidad y una mayor circulación que se garantiza con la promoción del libro en formato e-book, además del texto impreso. Todo lo anterior impulsa a que este primer ejercicio investigativo se convierta en algo más que en un simple requisito para obtener el título profesional.

Por tratarse de un proyecto transversal, la colección *Opera Prima* permite a los graduados dar a conocer cierta información de calidad científica en sus áreas de trabajo y exponer a la comunidad el análisis de la realidad nacional desde otros ojos, unos nuevos ojos que construyen nación.

Es posible pensar que desde la editorial académica se puede aportar y promover la investigación de las nuevas generaciones en el país. Así mismo, todas las editoriales académicas, desde sus estrictas políticas, pueden ayudar con el fomento del trabajo escritural de jóvenes que por su calidad científica permita la circulación y el desarrollo del conocimiento. Abrirían entonces sus puertas a publicar los textos académicos de estudiantes y recién graduados cuyo valor y aporte sea significativo para la investigación.

Por tratarse de un proyecto transversal, la colección *Opera Prima* permite a los graduados dar a conocer cierta información de calidad científica en sus áreas de trabajo y exponer a la comunidad el análisis de la realidad nacional desde otros ojos, unos nuevos ojos que construyen nación.

Circulação do conhecimento no Brasil

o papel das universidades e suas editoras



Por José Castilho Marques Neto

Doutor em Filosofia pela USP é professor na UNESP, Campus de Araraquara-SP. Presidente da Fundação Editora UNESP (www.editoraunesp.com.br) e da ABEU (www.abeu.org.br). Especialista em livro, leitura e bibliotecas, é consultor de várias instituições nacionais e internacionais.

Um pouco de história

É notória a imagem do Brasil como país gigante, imenso em sua grandiosidade territorial e populacional refletida em números superlativos. No entanto, até poucos anos atrás, esses números gigantescos não se reproduziam quando o tema era “educação” e “produção e circulação do conhecimento”.

País com um ensino superior tardio, reflexo da mentalidade colonial que o dirigiu até o primeiro quarto do século XIX, o Brasil conquistou sua primeira universidade voltada ao ensino, à pesquisa e à extensão em 1934, mais de cem anos após a independência de Portugal, quando foi criada a Universidade de São Paulo (USP). Até então o país formava seus quadros e fazia circular o conhecimento em instituições isoladas de ensino superior e, fundamentalmente, no envio dos filhos da elite para estudar no exterior, principalmente na Europa.

Durante longos anos viveu-se num pântano moroso e estável de não circulação do conhecimento –se esse conceito for entendido como algo que necessariamente deve estar voltado para o benefício do conjunto da população de um país, e não apenas de uma minoria privilegiada–.

O mesmo atraso no ensino e na pesquisa universitária se refletiu nos instrumentos permanentes e clássicos em que se faz circular o conhecimento: os livros e revistas científicas e suas editoras acadêmicas especializadas. Se a primeira universidade surgiu em 1934, a primeira editora universitária só nasceu em 1955 na Universidade Federal de Pernambuco. Apenas nos anos 1960 outras editoras surgiram principalmente aquela com um projeto inovador para a época e com grande preocupação em fazer circular o conhecimento. Eu me refiro à histórica experiência de Darcy Ribeiro na criação da Universidade de Brasília (UnB) em 1962, fundando

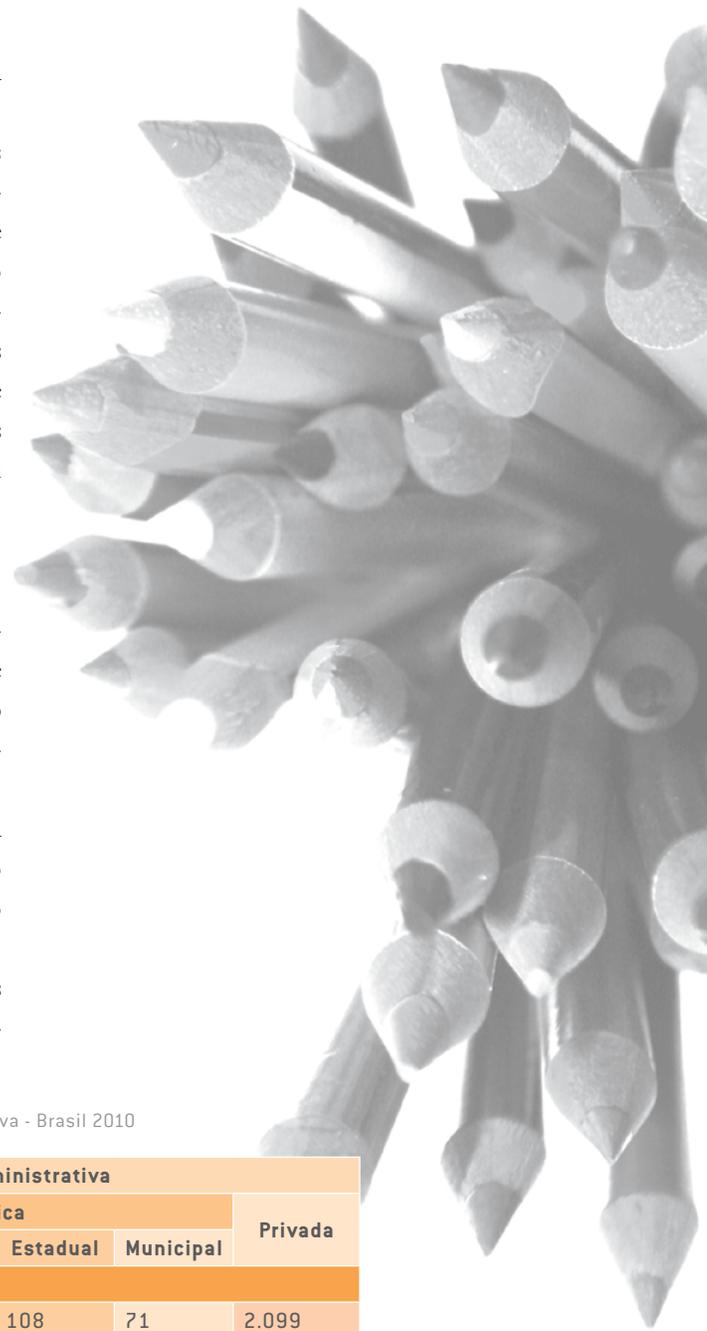
imediatamente sua editora que em 2012 completa 50 anos junto com a própria universidade.

A partir de 1986, com o fim da ditadura militar – que abortou projetos importantes como o da UnB, o Brasil intensificou, com um imenso esforço, programas como a universalização do ensino básico, posteriormente do ensino superior e os principais suportes para a produção e a circulação do conhecimento. A proposição do Estado brasileiro em produzir conhecimento e o fazer circular foi compartilhada por muitas unidades estaduais da federação, notadamente em São Paulo, com a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) em 1960 e suas três universidades públicas – a USP, a UNESP e a Unicamp –, responsáveis por expressivo percentual da pesquisa científica realizada no país.

O país de hoje

O quadro atual é muito diferente dessa difícil e tardia história da produção do conhecimento no Brasil. Atualmente o país conta com números que demonstram o crescimento e a universalização do ensino superior, partindo agora para sua qualificação. O *Censo da Educação Superior 2010*, realizado pelo Ministério da Educação/INEP (http://sistemascensosuperior.inep.gov.br/censosuperior_2010/) e divulgado em outubro de 2011, demonstra os avanços do país na ampliação e aperfeiçoamento do ensino superior no Brasil, base imprescindível para o avanço do conhecimento e sua difusão democrática.

A seguinte tabela demonstra em números o cenário sobre o qual o país procura aprimorar sua educação. A tendência, na conclusão do próprio Mi-



Estatísticas básicas de graduação [presencial e a distância] por categoria administrativa - Brasil 2010

Estatísticas Básicas	Categoria Administrativa					
	Total Geral	Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
Graduação						
Instituições	2.377	278	99	108	71	2.099
Cursos	29.507	9.245	5.326	3.286	633	20.262
Matrículas de Graduação	6.379.299	1.643.298	938.656	601.112	103.530	4.736.345
Ingressos [todas as formas]	2.182.229	475.884	302.359	141.413	32.112	1.706.345
Concluintes	973.839	190.597	99.945	72.530	18.122	783.242
Funcões Docentes em Exercício ¹	345.335	130.789	78.608	45.069	7.112	214.546

Pós-Graduação						
Matrículas de Pós-Graduação	173.408	144.911	95.113	48.950	848	28.497
Graduação e Pós-Graduação						
Matrículas total ²	6.552.707	1.788.209	1.033.769	650.062	104.378	4.764.498
Razão Matrículas total ² / funcões Docentes em Exercício	18,97	13,67	13,15	14,42	14,68	22,21

Nota1 Corresponde ao número de vínculos de docentes a instituições que oferecem cursos de graduação. A atuação docente não se restringe, necessariamente, aos cursos de graduação.

Nota 2 Inclui matrículas de graduação e de pós- graduação.

Fonte: MEC/Inep

nistério, demonstra um fértil e progressivo movimento do Brasil no tema que estamos tratando. Assim se expressa o documento acima citado:

Como efeito de ações e de políticas governamentais recentes voltadas para a expansão da oferta e a democratização do acesso e da permanência no ensino superior, os resultados do Censo da Educação Superior 2010 reafirmam a tendência de ampliação do atendimento nesse nível de ensino ao longo da década. Essas diretrizes revelam sintonia com o Plano Nacional de Educação 2001-2010 que, entre outros objetivos, estabelece a expansão da oferta de educação superior, a diminuição das desigualdades por região nessa oferta e a diversificação de um sistema superior de ensino para atender clientela com demandas específicas de formação (p. 3).

Dentre as várias inferências que podemos extrair do quadro acima, destacaria o número de alunos matriculados na graduação em 2010 –6.379.299– mais do que o dobro alcançado em 2001! O quadro também apresenta um número expressivo de alunos na pós-graduação –173.408–, tendência de crescimento também impulsionada pela procura por aprimoramento dos quadros de docentes do ensino superior. Esse movimento de fazer circular o conhecimento por interlocutores melhor qualificados se reflete nos números desse mesmo documento do MEC: de 2001 para 2010 ocorreu um crescimento da titulação docente muito acentuado, principalmente de novos doutores com uma elevação de 123% em relação a 2001. O mesmo se repete em relação aos alunos que concluíram o mestrado –crescimento de 99,6%–.

Ora, se a melhor qualificação docente e o esforço de universalização do ensino superior é objetivo permanente e progressivo no Brasil, constituindo-se em fonte imprescindível para a produção e a circulação do conhecimento, as editoras acadêmicas ligadas às universidades brasileiras também respondem positivamente para que o saber científico e o conhecimento produzido tenham ainda maior circulação entre os leitores brasileiros. Inclusive entre aqueles brasileiros que não frequentam ou já frequentaram os cursos superiores.

A criação da ABEU (Associação Brasileira das Editoras Universitárias) em 1987 expressou uma movimentação virtuosa das editoras universitárias que procuravam expandir seus horizontes e limites intramuros da academia, fazendo chegar ao leitor em geral o que de melhor se produzia nas atividades de pesquisas de suas universidades. A partir dessa somatória de esforços, do intercâmbio de experiências entre as editoras, do aparecimento de projetos editoriais inovadores e ousados, podemos afirmar que também hoje as editoras universitárias brasileiras são veículos importantes na circulação do conhecimento junto à população brasileira. E o quadro é amplo e multidisciplinar. Temos catálogos repletos que vão desde a recuperação da memória local e regional, das culturas populares



...as editoras acadêmicas ligadas às universidades brasileiras também respondem positivamente para que o saber científico e o conhecimento produzido tenham ainda maior circulação entre os leitores brasileiros. Inclusive entre aqueles brasileiros que não frequentam ou já frequentaram os cursos superiores.

e suas influências culturais e literárias, até análises em todos os campos das ciências humanas, das ciências da terra, das ciências biomédicas, das ciências exatas etc. Todo esse rol de assuntos essenciais para a boa difusão científica e tecnológica está à disposição em livrarias regionais, em livrarias virtuais, em feiras de livro por todo o país, em encontros de áreas científicas, etc.

Hoje, se é ampla a circulação do que se produz nas editoras universitárias para todo o país, também é ampla a produção dessas editoras. Em pesquisa realizada com dados de 2010, constatou-se que, em média, as 102 editoras acadêmicas vinculadas à ABEU publicam 2.000 títulos novos, em primeira edição por ano, quando o total de títulos em primeira edição no Brasil em 2010 foi 18.712. Portanto, em 2010, as acadêmicas responderam por 11% do total publicado no país, o que não é desprezível em termos de circulação do conhecimento.

Embora produzam muito, as editoras universitárias vinculadas às instituições de ensino superior acumulam dificuldades administrativas e funcionais que as impedem de ter um desenvolvimento compatível com o crescimento e as necessidades de seu público leitor. Isso se reflete nas dificuldades em vender e fazer girar os seus produtos pelas livrarias e distribuidoras de alcance nacional. Esse fator faz que editoras que publicam livros de nível universitário, mas que não se vinculam às instituições de ensino e pesquisa sejam as principais responsáveis pelo faturamento em vendas do setor que a Câmara Brasileira do Livro em sua pesquisa anual classifica como o setor de “Científicos, Técnicos e Profissionais – CTP”. Somadas, as editoras privadas e aquelas vinculadas às academias apresentam um desempenho

médio em produção e vendas invariavelmente positivo nos últimos anos, seja no faturamento, seja no número de exemplares vendidos.

Longe de ter alcançado uma posição ideal, a circulação do conhecimento vinculado às edições acadêmicas acompanham, um pouco atrás, o desenvolvimento da expansão das instituições superiores de ensino e pesquisa. E entendo que caberá a elas, num momento de transição de estruturas e recomposição do mercado editorial, pressionado mundialmente pelas transformações da era digital, um papel importante na circulação ampla e democrática do conhecimento, principalmente por poderem fugir da ditadura dos *best-sellers* e por poderem continuar a publicar novos autores.

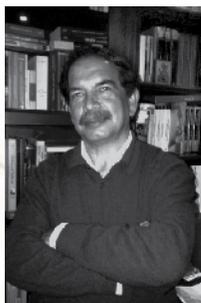
Finalmente, devemos levar em conta que as iniciativas de democratização do acesso às pesquisas e textos científicos são cada vez mais estimuladas pelas editoras universitárias. Acaba de ir ao ar o mundialmente inédito programa SciELO Books, desdobramento de um dos portais virtuais mais influentes para a circulação de conhecimento no mundo, até aqui referenciado no setor de periódicos científicos – Scientific Electronic Library On-line - <http://www.scielo.br>. A partir de um consórcio entre os controladores do portal e as editoras universitárias da UNESP (Universidade Estadual Paulista), FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) e a UFBA (Universidade Federal da Bahia), o Brasil contribui com um forte instrumento virtual, e com a credibilidade do selo SciELO, para a qualificada circulação mundial do melhor conhecimento que se produz nas instituições de ensino e pesquisa do nosso país.



El libro:

un camino compartido entre autores y editores

No cabe duda de que las editoriales universitarias cumplen un papel esencial en la difusión del conocimiento alcanzado por los investigadores colombianos. Negar su calidad, rigor y proyección es una necesidad.



Pablo Rodríguez

Docente en la Universidad Nacional de Colombia y en la Universidad Externado de Colombia. Historiador de la Universidad del Valle, Cali. Realizó una maestría en Estudios Latinoamericanos y un doctorado en Historia en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Correo electrónico: pablor@cable.net.co

No dudo en considerar que una de las experiencias más gratas de mi vida académica ha sido la relación con los editores. En ocasiones, pienso en todo lo que se pierde un investigador que da por cumplido su trabajo cuando entrega un manuscrito en las oficinas de una editorial. La verdad, creo que lo que ocurre a partir de allí con un escrito hasta que se convierte en libro es fascinante y formativo para los autores. La corrección del texto, el diseño del libro, la diagramación y la impresión no son solo labores técnicas. Es probable que un cierto desdén de los autores hacia el trabajo editorial, al considerarlo algo simplemente técnico y maquinal, les impida verlo con curiosidad e interés; pero también ocurre que ciertos editores prefieren tener el menor contacto con los autores y sus visitas les resultan un tanto incómodas. Sin embargo, cuando se logra el diálogo entre unos y otros, puede resultar en una viva experiencia. Emocionante tanto para el autor, quien con ilusión trata de

imaginar su libro, como para el editor, quien con su experiencia y tacto concibe la mejor edición.

Pertenezco a una de las últimas generaciones que ha idolatrado el libro. Adquirir, comentar y compartir libros ha sido parte de la vida universitaria, pero también de nuestras relaciones sociales. Con entusiasmo recomendamos y prestamos los libros que más valoramos. Con mucha frecuencia, el libro es uno de los objetos que más unen a los amigos. El valor de lo que dice o la manera como lo dice hizo del libro uno de los objetos más preciados en nuestras vidas. Hoy, cuando cientos de libros se pueden portar en una USB o en una iPad, cabe recordar el orgullo de quien tenía una biblioteca en casa. Era grato cuando uno de visita en una casa extraña, al pasar la mirada sobre los títulos en los lomos de los libros, intentaba adivinar la personalidad de su propietario, porque no había algo que pudiera reflejar mejor la cultura, los gustos y las aficiones de una persona que su biblioteca.

Tal vez por toda esta afición hacia los libros siempre he encontrado tan grata la amistad con los editores. Conversar con ellos sobre las características de un libro que se quiere publicar, sobre su dimensión, tamaño de la letra, grosor del papel, tiraje, son todos aspectos muy ilustrativos. Así mismo, una vez el libro está publicado, conocer de sus estrategias para llegar a los lectores. Saber de los entresijos del mercado editorial, de la escasez de compradores y lectores de nuestros libros, es positivo, y de alguna manera nos lleva a los autores a pensar más en nuestro propio oficio. Con el tiempo he pensado que la idea de que el autor debe escribir sin pensar en el lector es una ingenuidad, una inmadurez o una protección en nuestro propio orgullo. Siempre pensamos en nuestros posibles lectores, no solo en ofrecerles textos rigurosos y bien argumentados, sino en conseguir que se sientan atraídos por el tema, por el relato que les ofrecemos y que no abandonen su lectura al doblar la primera página.

Un aspecto que he disfrutado mucho de la labor de hacer libros es el de la ilustración. En la década de los setenta del siglo pasado los libros de historia no traían imágenes; en esa época había una fe plena en el texto escrito. Los autores de aquel entonces, así fueran amantes de la pintura, no tenían ninguna preocupación por la ilustración de sus libros. Creo que también había problemas técnicos. Además, conseguir la publicación de un libro era algo muy difícil, así que nadie regateaba sobre la forma de la edición. Fue con Camilo Calderón Schraeder, el fundador y director de la revista *Credencial Historia*, con quien descubrí el valor y la riqueza de las imágenes. Colombia poseía un repertorio iconográfico que se desconocía y muy poco se valoraba. Cada número de esa revista fue apreciado no solo por la calidad de sus artículos, sino por la novedad y acierto en la selección de sus ilustraciones. Decidir las “vistas”, como le gustaba nombrarlas a Camilo, fue una actividad enriquecedora. Poco a poco entendí que nuestros libros bien podían incorporar imágenes no por el prurito de la decoración, sino para potenciar su contenido. Una fotografía o una pintura no deberían estar presentes en un libro si no es por la relación con el tema que trata el texto, pero también porque

esa imagen nutre de información y referencias nuevas al lector. De cada uno de los libros que he publicado tengo muy presente en mi memoria sus portadas y las imágenes que acompañan los textos.

Contrario al proceso de escritura, que es bastante solitario, el proceso editorial es completamente colectivo. He tenido la oportunidad de coordinar varias obras colectivas en compañía de amigos y amigas. En algunos casos, me ha decidido a realizarlos la posibilidad de ampliar la amistad y el afecto. Algo que solo se descubre en el proceso de publicación de una obra colectiva es saber que se comparte un proyecto común, unas mismas ideas o una misma época. En general, todos somos docentes universitarios y, podría decirse, ese es un trabajo que deja una impronta en las nuevas generaciones. No obstante, los libros que hacemos, en los cuales exponemos las ideas que comentamos en clase, tienen otra duración; son tal vez la huella más duradera que dejaremos de nuestra existencia.

Aunque he publicado algunos libros con editoriales privadas, sin proponérmelo, he tenido la honra y la fortuna de poder hacerlo con distintas editoriales universitarias. Mi primer libro fue con la Universidad de Antioquia, hace más de veinte años. Pero también he publicado con la del Valle, la Nacional, el Externado y, ahora, más recientemente, con el Rosario. No cabe duda de que las editoriales universitarias cumplen un papel esencial en la difusión del conocimiento alcanzado por los investigadores colombianos. Negar su calidad, rigor y proyección es una necesidad. Es comprensible que las editoriales universitarias no pueden hacer la publicidad que realizan las editoriales privadas de sus libros; pero, creo, compete a los académicos y a los escritores universitarios divulgar entre los estudiantes los libros que salen de las prensas universitarias. Cada uno de estos libros es un acto de fe, en el conocimiento y en la educación; hecho casi siempre con escasos recursos. Eso lo sabemos los autores, por lo que siempre celebramos que, a pesar de las limitaciones, gracias a su saber y sensibilidad, los editores nos entreguen libros bien cuidados, cuya elegancia es la sobriedad.

Una mirada introspectiva al oficio del corrector de estilo*



Por Ella Suárez

*Coordinadora de Publicaciones Periódicas en la Universidad de La Salle, Bogotá, Colombia. Correctora de estilo. Estudió Literatura en la Universidad Nacional de Colombia.
Correo electrónico: ellasuarez@gmail.com*



...la labor del corrector de textos académicos requiere no solo la destreza para verificar la ortografía, la semántica y la sintaxis de cualquier texto en cualquier disciplina, sino el entrenamiento y la preparación para ir más allá de considerar al autor por sí solo.

Desde hace más de una década, cuando opté por convertirme en correctora de estilo, aparte de considerar que quien ejercía el oficio debía destacarse por tener excelente ortografía y buen uso del español, así como capacidad analítica y gran paciencia para detectar aquello que es susceptible de mejorar, no sabía que los requerimientos iban más allá de esa primera percepción. Ahora sé que la labor del corrector de textos académicos, que es el campo en el cual más me he desempeñado, requiere no solo la destreza para verificar la ortografía, la semántica y la sintaxis de cualquier texto en cualquier disciplina, sino el entrenamiento y la preparación para ir más allá de considerar al autor por sí solo, esto es, para tener en cuenta el contexto desde donde surge el libro o el artículo y el público para el cual escribe. ¿Por qué, entonces, mi preocupación por el conocimiento o el entrenamiento del corrector para incursionar en la corrección de este tipo de textos? La respuesta necesita que contextualice el campo de la edición universitaria actual en Colombia.

La publicación de la producción intelectual de profesores/investigadores en las universidades no es una novedad. Muchas, incluso, se han convertido en verdaderos y confiables sellos editoriales; pero, hasta hace algunos años, ese no era el caso de todas las universidades, y menos de las editoriales universitarias colombianas. Solamente las de mayor trayectoria o las públicas más importantes contaban con verdaderos equipos de publicación o con el conocimiento para hacerlo como aquellos sellos editoriales de larga data en América Latina y España.

Sin embargo, desde 1992, con la estandarización de políticas de calidad de contenidos y procesos de edición, las universidades comenzaron a evaluar con mayor rigurosidad los productos de investigación con miras a su publicación. Así, de su calidad dependía la reputación de una revista o de una editorial universitaria; igualmente, se generaron políticas nacionales

* Extracto de la Ponencia presentada en el Primer Congreso Internacional de Correctores de Textos en Lengua Española. Buenos Aires, 14, 15 y 16 de septiembre de 2011.

en el campo editorial. En la actualidad, solo por dar un ejemplo, Colciencias informa que en Colombia existen aproximadamente 3500 revistas científicas, surgidas en los últimos quince años, una cifra inverosímil en un país con uno de los índices de lectura más bajos de Latinoamérica; pero un indicador de que el mercado laboral para el corrector de estilo ha aumentado, pues algunas de las políticas editoriales exigen que los textos que salen a la luz, en su versión impresa y electrónica, hayan pasado por manos de uno de nosotros.

Ello nos lleva al desarrollo de nuestro ejercicio: mientras las entidades de ciencia y tecnología de nuestros países se esfuerzan por aclarar el panorama y normalizar las políticas, muchos correctores de textos académicos colombianos aún se mantienen al margen de estos procesos, y es cada vez mayor la distancia entre este trabajo y el aporte para que cada uno de estos numerosos productos estén a la altura de los estándares internacionales de calidad editorial. Es frecuente que cuando un coordinador o editor, conocedores de su oficio, revisan la corrección, detecten no solo un trabajo básico, sino cierto desdén por las tan necesarias unificaciones. Muchos colegas están dejando en manos de los otros implicados en el proceso editorial (editores, diseñadores gráficos y coordinadores) el velar por estos importantes aspectos que son, en primera instancia, de nuestra competencia.

El centro editorial que solicita el trabajo del corrector aspira a que este no solo limpie el artículo, sino que sea casi parte del grupo revisor de sus contenidos: longitud del título, cantidad de palabras del resumen, palabras clave, sistema de referencias, manejo de tablas y figuras, fechas de recepción y aceptación, unificación de datos de los autores, etc. Por ello, nosotros, quienes proveemos el servicio de corrección de textos a las editoriales universitarias, somos responsables de estar al tanto de los criterios de unificación que maneja cada revista o cada colección de libro; incluso, de no haber trabajado antes con una revista, devorar las instrucciones para los autores, y en caso de haberlo hecho con una colección, preguntar por las pautas establecidas y mantenerlas.

Así mismo, nuestra ayuda es fundamental para jerarquizar la información, indicando cuáles son los niveles de titulación, cuáles son las citas textuales extensas (sangrándolas cuando están dentro de un párrafo), cuáles son los epígrafes (si los hay), cuáles informacio-

nes son esenciales y cuáles secundarias; para verificar la secuencia de tablas, figuras, cuadros, ecuaciones y su relación con el texto; para señalar los faltantes; para velar por que se conserven los giros estilísticos propios de un autor de determinada área, pues mientras un filósofo usa más estructuras gramaticales, más metáforas y un lenguaje muy estructurado y a veces complejo; un médico irá al grano en la descripción de un caso clínico.

En últimas, un corrector de textos académicos precisa experiencia ganada de a poco en este tipo de textos, una curiosidad insaciable por conocer parte de la terminología propia de cada disciplina y un gusto, casi obsesivo, por la completa estructuración textual y gráfica, para así darle a cada documento cohesión en todos los aspectos implicados, más allá de los meramente textuales.

Y este es un hueco que estamos obligados a llenar. Pese a las nuevas políticas colombianas en cuanto a difusión del conocimiento de ciencia y tecnología y humanidades, nuestra formación no está acorde con ello. Aun cuando un par de universidades están ofreciendo algunos cursos, luego de tomarlos no hay en Colombia dónde profundizar. La academia y su mundo editorial exigen de nosotros una profesionalización y unas competencias que no están ofreciendo, y así como hago un llamado a no detener nuestra formación, también lo hago a exigirla.

Bibliografía

Bustos Gisbert, José M. (1996). *La construcción de textos en español*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

Donado Vilorio, Donaldo Alfonso (s. f.). *El noble oficio de corregir textos en Colombia*. Recuperado de <http://www.redactores.org/correccion.html>.

Hidalgo Navarro, Antonio (2004). *La actividad del lingüista como corrector de estilo*. Recuperado de <http://www.uv.es/ahidalgo/>.

Morales Thomas, Nicolás (2011, 1 de mayo). La revolución silenciosa de las editoriales universitarias. *El Tiempo*, 7.

NISABA (2010, 27 de octubre). *Lineamientos para la corrección de estilo*. Recuperado de <http://blognisaba.blogspot.com/2010/10/lineamientos-para-la-correccion-de.html>

Panorama de las redes de información académica, una entrevista a Félix de Moya

El uso de las tecnologías está ligado a los mecanismos de incentivos que la investigación tiene en cada país. Nadie va a tener necesidad de utilizar una fuente si no ve ninguna ventaja en ello.



Félix de Moya Anegón

Doctor en Filosofía y Letras (Geografía e Historia, sección Historia) de la Universidad de Granada. Investigador principal de la Unidad Asociada Grupo SCImago.

Correo electrónico: felix.moya@scimago.es

En el marco del seminario sobre sistemas de información científica *Análisis de las Redes Sociales Enfocadas a la Investigación*, la Editorial Universidad del Rosario entrevistó al investigador español Félix de Moya. En el encuentro, el teórico español habló acerca de la evolución de las bases de documentación, la selección de la información científica en la web, las áreas del conocimiento que más información comparten y el avance de la investigación en América Latina.

Editorial Universidad del Rosario (EUR): *¿Cómo empieza usted a incursionar en los sistemas de información científica?*

Félix de Moya (FM): Hice un doctorado sobre sistemas de información orientados a apoyar la investigación, y desde ahí me he dedicado a investigar sobre los procesos de consumo de información por parte de los investigadores y la manera en que ellos acceden, consumen y le sacan valor a la información para generar nuevo conocimiento.

En un mundo como este, en el que hay una abundancia de información a través de los medios tecnológicos, que ponen al alcance información que siquiera se puede digerir, es muy importante, sobre todo en el mundo científico, dejar bien claro qué tiene auténtico

valor para los investigadores y qué no. Esto probablemente no sea un problema en otros ámbitos distintos; pero para un investigador es crucial distinguir información de calidad, y eso no se puede hacer esperando a que alguien valore la información y le asigne una categoría; es necesario que se produzca como consecuencia del pronunciamiento de las propias comunidades de investigadores que terminan decidiendo a qué conocimiento le van a dar más valor y a cuál no.

EUR: *¿Cómo se empiezan a dar estas redes donde se comparte información científica?*

FM: Para hacer investigación necesitábamos bases de datos que albergaran mucha información y en las que se pudiera producir una cierta categorización de esta, de tal manera que a partir de ahí los investigadores pudieran tomar la decisión de qué es lo que necesitan consultar. En los últimos cincuenta o cien años se evidencia que un investigador de principios del siglo pasado podía conocer todo lo que se escribía en su campo, ya que no había tantos investigadores ni tanta producción de conocimiento. Al día de hoy esto es materialmente imposible. Ningún investigador, y si dice lo contrario miente, puede conocer absolutamente todo lo que se publica en su campo.

A partir de 1960 se ha producido un proceso selectivo que tiene que ver con las fuentes que se crearon con el fin

de suministrar información que estuviera “ranqueada”, y ese fue el origen de todo. A partir de ahí se han desarrollado nuevos productos que intentan hacer lo mismo, hasta llegar a la situación que tenemos ahora, donde por fin la tecnología no nos ofrece solamente una dimensión del valor de la información —que estaba basada en citas—, sino que ahora es posible ofrecer a los investigadores diferentes dimensiones. La última que hemos conocido y que apenas se empieza a desarrollar es la que se llama *Metric*, donde se trata de medir cuál es el impacto que tiene la producción científica a través de las redes sociales como Facebook, Twitter y otras. Esto, combinado con las fuentes tradicionales basadas en citas y la posibilidad de incorporar a estos procesos de medición las propias monografías, los libros, etcétera, es el panorama de plataformas de información que se está configurando y que evidencia, de manera muy precisa, cuál está siendo la respuesta, no solo de las comunidades científicas, sino incluso de la sociedad respecto al conocimiento que se está generando cada momento.

EUR: *¿Cómo es la selección del material que está disponible en estos sistemas de información?*

FM: La selección está basada en el interés que los diferentes contenidos despiertan en las comunidades. Nosotros sabemos cuál es el uso que los investigadores hacen de esos contenidos y, como consecuencia, se produce un proceso de selección. Hay contenidos que son apenas usados o no se usan y son excluidos de las bases de datos de producción científica, y los otros, que son más intensamente usados, son distribuidos. Sin embargo, en este momento no hay necesidad de hacer exclusiones, las bases de datos están acumulando información que en muchas ocasiones no tiene referencias de uso. Lo importante en este momento es que podamos categorizar la información, independientemente de si en la base de datos hay más o menos información relevante; la idea es que haya mucha información y que seamos capaces de distinguir lo que es conocimiento científico de lo que no lo es. Nuestro objetivo es alcanzar grados de cobertura que sean lo más universales posibles. La idea, también, es tener bases de datos que contengan esas treinta o treinta y cinco mil publicaciones científicas que se dice que hay en el mundo y que una vez que estén recogidas en estos índices científicos se puedan categorizar para brindar una información a los investigadores de qué sirve y qué no.

EUR: *¿Cuáles son las áreas del conocimiento que más tienen documentación?*

FM: Eso tiene que ver con los tamaños de las propias comunidades científicas. Hay más investigadores, sobre todo, en biomedicina que en otras áreas. Esto se debe, en parte, a que la sociedad demanda resultados en el ámbito de la salud constantemente. Es lógico que haya más investigadores, más recursos, más instituciones que trabajen en ese tema, y como consecuencia también hay más publicaciones y las bases de datos llegan a tener proporciones hasta del 40% de contenidos en esos ámbitos. A partir de ahí empiezan a aparecer las disciplinas tradicionales en el mundo académico, por ejemplo, la química, la física y las matemáticas, en porcentajes menores; después la agricultura y los temas relacionados con economía, ciencias sociales, psicología, arte y humanidades, en porcentajes considerablemente menores.

EUR: *¿Cuál es el país de Latinoamérica que produce más investigación?*

FM: Desde el punto de vista de la pura cantidad, el orden es bien claro: Brasil, México, Argentina, Chile y Colombia. Estos son los primeros países productores de ciencia en América Latina. Con ritmos de crecimiento variables, de esos países el que crece más de prisa en estos momentos es Colombia, pero está todavía a mucha distancia del que tiene por delante que es Chile. Ahora, ¿quién produce investigación de más calidad?, la respuesta a esta pregunta es relativa, pues hay fortalezas y debilidades dependiendo del campo y del país. Colombia tiene buenos resultados en Economía e Inmunología; México y Chile tienen buenos resultados en Astronomía, y Brasil tiene buenos resultados en Agricultura. Dependiendo de los campos hay fortalezas y debilidades.

EUR: *¿Cómo se fomenta el uso de estas nuevas tecnologías enfocadas a la investigación?*

FM: El uso de las tecnologías está ligado a los mecanismos de incentivos que la investigación tiene en cada país. Nadie va a tener necesidad de utilizar una fuente si no ve ninguna ventaja en ello. El investigador, por definición, es un sujeto que está en permanente estado anómalo de conocimiento y necesita ir a fuentes de información a buscarlas; si hay investigadores, habrá personas necesitadas de esas fuentes y no será necesario incentivarlos.

El investigador tiene que estar motivado para producir información de calidad; esas motivaciones pueden venir

por razones de su propia carrera, por incentivos económicos o beneficios profesionales. Lo más importante, en mi opinión, es que haya personas que tengan la vocación de ser investigadores, de producir nuevo conocimiento y que encuentren satisfacción en ello. Como consecuencia de eso surgirá la necesidad de ir a las fuentes a ver qué han escrito otros para producir algo nuevo.

Estas son las redes más conocidas mundialmente:

Web of Science: <http://ip-science.thomsonreuters.com/es/productos/wos/>

Scopus: <http://www.scopus.com/home.url>

SciELO (Scientific Electronic Library Online):
<http://www.scielo.cl/>

Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal): <http://redalyc.uaemex.mx/>

Latindex (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal): <http://www.latindex.unam.mx/>

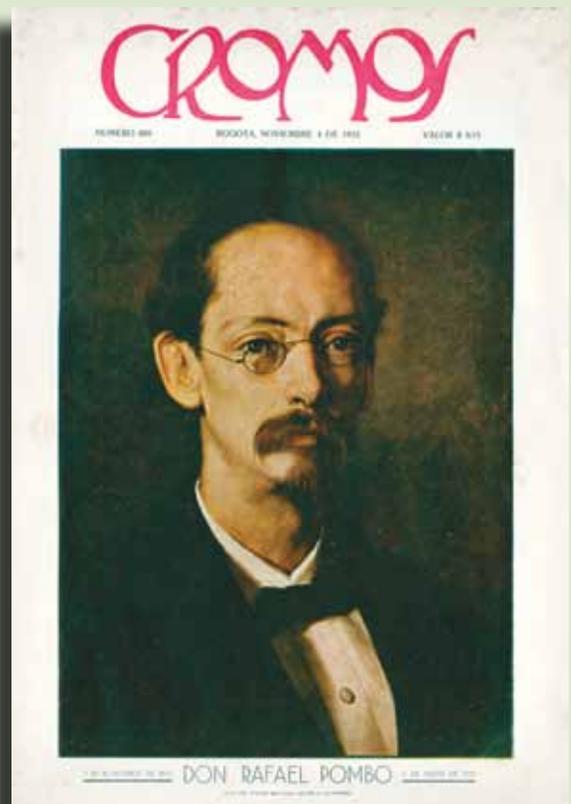
Rafael Pombo, 1912 - 2012

Cien años de su fallecimiento

Rafael Pombo encarna el espíritu del romanticismo en Colombia. Aunque en la actualidad se le recuerda principalmente por sus poemas para niños, también se destacó por abordar temas amorosos, religiosos y filosóficos en sus escritos.

Hoy Pombo sigue presente en la memoria de cada colombiano y en especial en la de cada miembro de la comunidad rosarista que comparte con él el respeto y cariño por las enseñanzas recibidas en el Claustro del Rosario. Allí, como reza una placa en mármol grabada en su honor, “estudió las artes óptimas”, es decir las humanidades clásicas que le permitieron destacarse con calidad en su vida de escritor y poeta.

En reconocimiento a su legado, el Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario conmemora los cien años de su muerte con un homenaje que incluirá varias publicaciones de su vida y obra. Estas serán presentadas a lo largo del segundo semestre del año en actos especiales donde la comunidad académica podrá recordar y reencontrarse con este ilustre personaje.



Algunos eventos

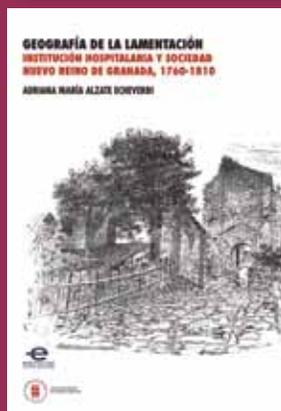
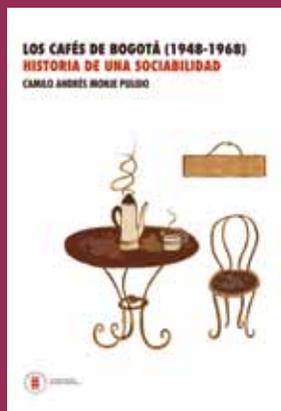
en el marco de la XXV Feria Internacional del Libro

PRESENTACIÓN DE LAS OBRAS DE LA ESCUELA
DE CIENCIAS HUMANAS

Lugar: Corferias, Salón Tomás Carrasquilla

Día: 20 de abril

Hora: 4 pm - 5 pm



PRESENTACIÓN DE LA OBRA:
AGUIRRE O LA POSTERIDAD ARBITRARIA

Autora: Ingrid Galster

Lugar: Universidad del Rosario, Torre 2, Aula 601.

Día: 19 de abril

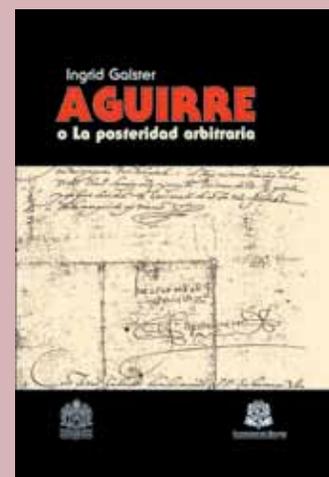
Hora: 10 am - 12 m

Lugar: Corferias, Salón

Tomás Carrasquilla

Día: 20 de abril

Hora: 3 pm - 4 pm



Durante toda la Feria del Libro la Decanatura del Medio Universitario de la Universidad del Rosario ofrecerá presentaciones de tango, coro, tuna, capoeira y salsa en el stand 302 del Pabellón 3.

Consulte la programación completa en:

<http://editorial.urosario.edu.co>

[twitter@editorialur](https://twitter.com/editorialur)

facebook.com/editorialUR



Algunas novedades para esta Feria



Áreas funcionales para la reflexión. Marketing y gestión humana

Claudia Eugenia Toca Torres y Merlin Patricia Grueso Hineostroza
[editoras académicas]
Páginas: 202
ISBN: 978-958-738-252-5
P.V.P.: Por establecer
Administración



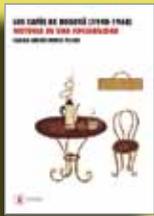
La voluntad indómita. Fundamentos teóricos de la acción colectiva

Roddy Brett, Freddy Cante
[editores académicos]
Páginas: 424
ISBN: 978-958-738-231-0
P. V.P.: por establecer
Ciencia Política y Gobierno y Relaciones Internacionales



Memorias e identidades: Los sefardíes en Colombia

María del Rosario García
Páginas: 112
ISBN: 978-958-738-214-3
P.V.P.: \$27.000
Ciencia Política y Gobierno y Relaciones Internacionales



Los cafés de Bogotá (1948-1968). Historia de una sociabilidad

Camilo Andrés Monje Pulido
Páginas: 218
ISBN: 978-958-738-83-2
P.V.P.: 42.000
Ciencias Humanas



Días de gloria de la independencia hispanoamericana

Pablo Rodríguez
Páginas: 194
ISBN: 978-958-738-213-6
P.V.P.: \$ 35.000
Ciencias Humanas



Temas de derecho de seguros

Alejandro Venegas Franco
Páginas: 374
ISBN: 978-958-738-217-4
P.V.P.: \$70.000
Jurisprudencia



Consejos superiores de la administración, neocorporativismo y participación orgánica

Diego Younes Medina
Páginas: 198
ISBN: 978-958-738-187-0
P.V.P.: \$40.000
Jurisprudencia



El proceso con derechos humanos: Método de debate y garantía frente al poder

Gustavo Calvihno
ISBN: 978-958-738-230-3
P.V.P.: \$ 55.000
Jurisprudencia



La Tautología Autoinmune

Juan Manuel Anaya, Adriana Rojas Villarraga
[editores académicos]
Páginas: 328
ISBN: 978-958-738-248-8
P.V.P.: \$75.000
Medicina y Ciencias de la Salud



AIRE. Apoyo integral respiratorio en emergencias

Yury Forlan Bustos Martínez, Jenny Amparo Castro Canoa
[editores académicos]
Páginas: 338
ISBN: 978-958-738-202-0
P.V.P.: \$ 45.000
Medicina y Ciencias de la Salud



Inmunología de la piel

María Claudia Ortega López, Santiago López Ortega, Juan Jaime Atuesta Negret
[editores académicos]
Páginas: 315
ISBN: 978-958-738-224-2
P.V.P.: \$58.000
Medicina y Ciencias de la Salud



Competencia Comunicativa

Martha Ortiz Fonseca
[editora académica]
Páginas: 120
ISBN: 978-958-738-218-1
P.V.P.: por establecer
Medicina y Ciencias de la Salud

Próximamente



"La narcoguerrilla" como noticia: un análisis de la representación de las relaciones entre narcotráfico y guerrilla en la prensa colombiana

Carolina Castellón, Paola Pérez Díaz
Encuadernación: rústica, 14 x 21 cm
Ciencias Humanas



Programas pioneros de administración de empresas en Bogotá. Una Contribución Educativa para el Desarrollo Empresarial Colombiano

Carlos Hernán Pérez
Encuadernación: rústica, 14 x 24 cm
Administración



Bases moleculares de la vida

Ruth Garzón
Encuadernación: rústica, 14 x 24 cm
Ciencias Naturales y Matemáticas